

APRESENTAÇÃO TEMÁTICA



UM OLHAR OPINATIVO SOBRE AS FALAS POÉTICAS CONTEMPORÂNEAS

A *Revista Cerrados* apresenta neste número um olhar abrangente sobre os novos vetores da lírica contemporânea, sobre os quais apresentamos, em seguida, algumas considerações temáticas iniciais.

Os progressos da consciência sobre o fazer poético no último século propiciaram ao fruidor e ao estudioso do texto a ampliação considerável do instrumental psíquico-técnico que hoje configura a atitude de leitura analítica. Esta atitude compõe-se, sobretudo, da busca de percepção dos inter, intra e extratextos, elementos *des-cobertos* ou *des-velados* da ativa ligação de forças que se estabelecem entre o ser humano e o cosmos no momento da criação e no momento da recepção.

Vimos as rupturas literárias eclodirem no início da década de 1960, formulando um conjunto de princípios que hoje produzem uma textualidade singular, pela descontinuidade, pela indeterminação e pela pluralidade. Assim, as práticas literárias da pós-modernidade transitam contemporaneamente nos limites hibridação dos gêneros literários e os sistemas semióticos concorrem para a sua fabricação, misturando texto com imagens e sons, entre outros elementos. Segundo Maria Augusta Babo², “a hibridação é uma explosão de fronteiras e uma recombinação de sistemas heterogêneos de significância”.

Podemos dizer que a poesia brasileira, desde os anos de 1990, sofreu esse processo de hibridação, iniciado pela erosão de fronteiras entre os gêneros (mídia, canção, teatro, videoclipe), ressaltando-se a internet como forma de afirmação de grupos de autores que publicam em revistas eletrônicas, como a www.pd-literatura.com.br³, cadastrada pela Unesco, para citar apenas uma das que venho acompanhando nos últimos anos. A coexistência de vários estilos e diferentes registros – poemas longos, breves, prosa poética, sonetos, hai-kais, poemas que seguem a sintaxe convencional ou aqueles que apresentam ostensiva

2 Universidade Nova de Lisboa. Conferência “As transformações provocadas pelas tecnologias digitais na instituição literária” 06/04/2000.

3 Editora responsável, Asta Vonzondas.

4 *Esses Poetas - Uma Antologia dos Anos 90*. RJ: Aeroplano, 1998.

5 *Além do Cânone*. RJ: Tempo Brasileiro, 2004.

ruptura gramatical – se aliam à diversificação dos temas poéticos e uma antologia de poemas dos anos de 1990, como a que Heloísa Buarque de Hollanda⁴ lançou em 1998, ou a de Helena Parente Cunha⁵, publicada em 2004, podem conter versos de crítica social, questões existenciais-metafísicas, o feminismo-feminino, o homoerótico masculino, a memória, o urbano, o bucólico, o erotismo, a auto e a hetero-referenciação, entre tantos outros, emersos da diversidade cultural brasileira e mundial, neste momento desconstrutor e integrador a um só tempo.

Poderíamos tentar explicar este processo adaptando a noção que Jung propõe do inconsciente coletivo: a mente dos autores e dos leitores está contatando uma multiplicidade de contextos e códigos culturais – psicológicos – políticos – sociológicos – históricos – lingüísticos – literários, entre outros, propiciando a proliferação dos sentidos e permitindo aos significados uma expansão constante em trânsitos cruzados. É nesse sentido que compreendemos, portanto, ser toda obra literária uma rede de relações voltada para o mundo.

Percebe-se, no conjunto de ensaios que compõem este número de *Cerrados*, que o ponto de partida das análises críticas contemporâneas apresenta, invariavelmente, incisões reflexivas de caráter ontológico. Sabemos que, ao iniciar esta incisão, o analista está se defrontando com o mundo do impreciso, já que o próprio espírito humano é fluido em seu funcionamento, ambíguo em seus conceitos e vago em suas definições. Por outro lado, o nebuloso é também o lugar dos possíveis...

A apreensão das falas de representação e transcendência que compõem os textos poéticos permeia-se, contemporaneamente, das implicações globais de integração e estranhamento do homem em seu meio. Os índices de contemporaneidade e

universalidade na obra poética são, portanto, identificados a partir da leitura do “homem”, situado em tempo e espaço determinados.

Entender este “homem” é captá-lo numa perspectiva de globalidade, artífice de um complexo universo semiótico de interações axiologicamente orientadas. Se há lugar em que a cultura humana apareça mais explícita (embora olhos desavisados nem sempre consigam contemplá-la...), este lugar é o texto literário. Barthes⁶ já falava que “todas as ciências se encontram disseminadas no momento literário”. Essa interdisciplinaridade provocará a interação complementar, contributo que fundamenta o texto em sua estrutura profunda. Sabemos que, por sua própria natureza sistêmica, o texto literário é uma rede interconectada e sua vida orgânica pressupõe, portanto, relações externas. Como nos ensina ainda o teórico, a língua é o domínio das articulações e o sentido é recorte, antes de tudo.

Se a questão do estudioso da Literatura é contribuir, por meio de suas reflexões, para uma compreensão cada vez mais aprofundada do ser que produz o texto, que não existe por si, mas em colaboração e por contágio de suas inquietudes, está-se dizendo que o estudo das literaturas só faz sentido contemporaneamente se for pluridimensional, se buscar ultrapassar as fronteiras da superfície para verificar as relações particulares que as produzem.

Buscar sentidos e significados é, naturalmente, buscar o “humano ser” e o humano sendo. E buscar-se enquanto “eu” e enquanto “outro” é *re-pensar*, é *re-significar* a própria história. A Literatura como um vasto sistema de trocas sempre propiciará, portanto, leituras diversificadas.

Gostaríamos de ressaltar neste número os

6 O prazer do texto. São Paulo: Perspectiva, 1987.

ensaios que falam (e mostram) a Literatura e (em) suas fronteiras, a partir das palavras de Octávio Paz⁷, segundo o qual “as transformações neste domínio correspondem também às da imagem do mundo, desde a sua aparição na Pré-História até o seu eclipse contemporâneo. Palavra falada, manuscrita, impressa: cada uma delas exige um espaço distinto para se manifestar e implica uma sociedade e uma mitologia diferentes (...) a letra de imprensa corresponde ao triunfo do princípio de casualidade e a uma concepção linear da História. É uma abstração e reflete o paulatino ocaso do mundo como imagem. O homem não vê o mundo: pensa-o. Hoje, a situação transformou-se de novo: voltamos a ouvir o mundo, embora não possamos vê-lo. Graças aos novos meios de reprodução sonora da palavra, a voz e o ouvido recobram seu antigo lugar”.

Foi a série de vanguardas no século XX que, valorizando o caráter ambivalente da palavra literária, a reaproximou, por ser de sua natureza mesma a característica correlacional, das demais artes. Ganha a palavra interpretada, assim, nova dimensão, com o “contágio” dos códigos de leitura das outras artes. Na seqüência de suas reflexões, Paz diz, também, que o revigoramento da palavra falada não implica uma volta ao passado, já que o espaço é outro, mais vasto e, sobretudo, em dispersão; mas a palavra não pode ser estática, ela também está em rotação. Configurando um aparente paradoxo, também levantado nos presentes ensaios, é preciso pensar que, embora em sua plurivocidade a arte literária comungue com as outras artes, a escritura só vive quando se libera de toda companhia.

Se o homem do Terceiro Milênio busca compreender o processo de fragmentação e

reconfiguração cultural do qual é ator, é compreensível e desejável que o fenômeno plurivocal que é o texto literário seja focalizado e analisado sob o prisma de uma significação cultural e estética igualmente ampla.

Sendo o texto literário privilegiado como fonte de conhecimento, sempre revelador do ser humano e de suas relações com os micro e macrocosmos culturais, ler um texto poético deve ter, portanto, um sentido para além do exercício narcísico intelectual, deve abrir fronteiras intersubjetivas (o que não significa, necessariamente, que sejam coletivas) de compreensão do mundo em que vivemos. Assim, saudamos com entusiasmo as reflexões que aqui se abrem nos artigos, já que, em cada um e em todos, esse foi o relevante eixo comum que identificamos.

Nesse momento de particularização, são os aspectos qualitativos do pensamento que buscam voz pela via do particular, que é social (mas não só), contra a idéia de homogeneização, vinda de uma interpretação errônea do significado de mundo globalizado. Instaure-se a realidade particular, menos ficcional do que a que se queria “universal”, já que o particular é a abertura do possível e do que é viável, fora da utopia.

Os espaços dogmáticos dentro da expressão lírica se fluidificaram e as patrulhas acadêmicas de voz excludente mostraram o vazio de seu discurso, já que, no mundo globalizado, o grande valor de sobrevivência é a incorporação e não a exclusão – “sem ter vergonha de ser lírico”, para lembrar a expressão recentemente utilizada por Affonso Romano de Sant` Anna⁸ em uma de suas mais lúcidas crônicas. E é justamente com o poeta, ensaísta e presidente da Fundação Biblioteca

⁷ *El arco y la lira*. México: Fondo de Cultura Económica, 1970.

⁸ *O Globo*, 2004

Nacional de 1991 a 1996 que *Cerrados* faz uma entrevista sobre a sua destacada contribuição para a movimentação do cenário poético no Brasil e sua projeção internacional nos anos de 1990.

Permito-me chegar a algumas conclusões e a expô-las, após a leitura dos intelectuais que aqui se expressaram, em seus depoimentos, poemas, ensaios e resenhas, com contribuições tão significativas quanto abrangentes dos cenários local, nacional e mundial. Devido também à minha própria vivência como professora e pesquisadora dedicada à poesia brasileira contemporânea, bem como poeta publicada nos anos de 1990⁹, percebo claramente que os estudos literários, hoje, manifestam-se pela abertura de processos que compreendem o encadeamento sistematizado das várias esferas que circundam o ser na expressão de sua existência. Valores excludentes, tidos como absolutos durante muitos séculos, foram postos em xeque no século XX e, agora, o mundo os questiona em nome de um pensamento que incorpore a diferença, a pluralidade e a micrologia do cotidiano.

Creio firmemente ser possível, neste Terceiro Milênio – para os homens e mulheres que, apesar de a reconhecerem, querem superar a fragmentação autofágica legada pela modernidade –, pensar, sentir e vivenciar experiências existenciais com integridade, fora das máscaras, todas redutoras. Para tanto, as antigas *barreiras* devem ser transformadas em *fronteiras* de enriquecimento permanente, para honrar o sempre contínuo e perpétuo processo de busca de harmonização ativa desse SER que somos nós. Ser-essência. Quintessência.

A leitura dos textos – nesta Revista

apresentados por professores e pesquisadores universitários, produtores culturais e poetas contemporâneos – possibilitará, portanto, uma abertura formal do pensamento à reflexão necessária sobre os sujeitos criadores e articuladores, aqueles que impulsionam a tão necessária transvaloração da condição do sujeito-de-hoje.

Como havíamos sinalizado anteriormente para o futuro da *Revista Cerrados*, as fronteiras se abrem. Em sua nova fase, *Cerrados* é o espaço de divulgação desse processo.

E, para melhor concluir, reproduzo um extrato poético¹⁰ de Christina Ramalho (ver ensaio da autora na p. 61), na pessoa de quem homenageio as poetisas e os poetas que, por meio da dedicação à sua arte, desconstroem e ressignificam a aventura viva da contemporaneidade.

Trapos de todas as roupas rasgam
sonhos de vermelhos impossíveis
e de remotos medos
temíveis como todos os medos são
(...)

Algumas portas escancaradas
portas algumas outras cerradas
apelo sussurrante, disco do Tom
(...)

Trapos e portas e memórias conturbadas
assim, meio exagerada sim
uma déia revolução.

Sylvia H.Cyntrão¹¹
Editora Geral

9 Referências principais em Parente Cunha, Helena. *Além do Cânone*. RJ: Tempo Brasileiro, 2004. E em Coelho, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico de Escritoras*. SP: Escrituras, 2003.

10 Ramalho, Christina. *Laço e nó*. RJ: Elo Editora, 1999.

11 Dedico minhas pesquisas, desde finais dos anos 80, às relações entre a literatura e canção popular urbana e às questões ideológicas contemporâneas na lírica brasileira.